

## **ACADEMIA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS (ABC)**

Instituição formalmente fundada no dia 3 de maio de 1916, na cidade do Rio de Janeiro, então capital da República, com o nome de Sociedade Brasileira de Ciências, que foi usado em seus cinco primeiros anos. Originou-se na Escola Politécnica, em reuniões informais de um grupo de professores de instituições de ensino superior e pesquisadores de outras instituições científicas, como o Museu Nacional, o Observatório Nacional e o Instituto Osvaldo Cruz, então chamado Instituto de Medicina Experimental de Manguinhos.

### **TRAJETÓRIA**

No início, a entidade abrangia apenas três seções: Ciências Matemáticas, Ciências Físico-Químicas e Ciências Biológicas, de acordo com o modelo da Academia Francesa de Ciências. Seus principais objetivos eram estimular a continuidade do trabalho científico de seus membros, o desenvolvimento da pesquisa brasileira e a difusão do conceito de ciência como fator fundamental do desenvolvimento tecnológico do país. Embora houvesse a expectativa de apoio financeiro do governo, a Academia foi estruturada como uma organização legalmente independente e privada, responsável pela escolha de seus dirigentes e soberana para a definição de seus estatuto e regulamentos.

Henrique Morize, astrônomo francês naturalizado brasileiro, foi o primeiro presidente da Casa, tendo constituído uma diretoria composta por dois vice-presidentes, três secretários e um tesoureiro. Inicialmente, o quadro era limitado a cem membros, número rapidamente alcançado.

Além de promover a pesquisa, outra prioridade da primeira administração foi a publicação de um periódico científico. O presidente Morize logrou atingir esse objetivo com a publicação de três volumes anuais (1917/1919) de uma revista. Alguns outros números foram eventualmente publicados, mas somente em 1929 a publicação regular dos *Anais da Academia Brasileira de Ciências* foi assegurada.

Com o encerramento da Exposição do Centenário da Independência, em 1922, a academia

recebeu do governo brasileiro e do governo da Tchecoslováquia, respectivamente, o terreno e o prédio utilizados como pavilhão daquele país na exposição. No local, foi estabelecida sua sede. Alguns anos depois, em função de um projeto de reurbanização da cidade, o prédio foi demolido, sem qualquer compensação financeira à academia e, apesar de repetidas promessas, nenhuma instalação correspondente foi obtida.

Além de seu papel primordial para o desenvolvimento da ciência no Brasil, vários membros da academia lideraram o avanço de outras atividades científicas e culturais, como a criação da Associação Brasileira de Educação e a introdução da radiodifusão no país.

A partir de 1928, Arthur Moses – acadêmico participante da direção da academia em 12 diferentes gestões, tendo sido eleito presidente em dez delas – passou a ter um desempenho fundamental na consolidação da instituição. Moses reativou a publicação dos *Anais* e, após sucessivos empreendimentos bem-sucedidos, coroou-os em 1959 com a obtenção de recursos governamentais que possibilitaram a compra de um andar inteiro do prédio onde hoje se localiza a sede da academia.

Depois da Segunda Grande Guerra, a academia teve outras importantes atuações, como a que culminou na criação do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq), em 1951. De fato, o projeto aprovado pelo governo foi concebido na academia, cujo presidente, Álvaro Alberto da Mota e Silva, foi nomeado primeiro presidente do conselho. O mais alto nível de decisão da política nacional de ciência e tecnologia no país era o conselho deliberativo do CNPq, que incluía, além de representantes do governo, um representante da Academia Brasileira de Ciências e um grande número de cientistas, em sua maioria acadêmicos. Várias instituições importantes, como a Comissão de Energia Atômica (CEA), o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) e o Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA), tiveram sua origem em comitês definidos por esse colegiado. Nesse período, a academia abrangia cinco seções, resultantes da separação entre as Ciências Físicas e Químicas e a criação da Seção de Ciências da Terra.

Nos anos 1960, por ocasião de seu quinto aniversário, o Presidente da República autorizou a doação de um número significativos de bônus do Tesouro Nacional, resgatáveis em vinte

anos, através da influência de Carlos Chagas Filho, que sucedeu Moses na Presidência da Academia. Estes recursos, correspondentes a um milhão de dólares, cuja aplicação não estava submetida a nenhuma determinação específica, fortaleceu consideravelmente o potencial da Academia.

Em 1970, a história da academia foi marcada pela gestão do acadêmico Aristides Azevedo Pacheco Leão, que em 1993 seria eleito seu primeiro presidente emérito. Data desse período o reconhecimento pelo governo federal, por ocasião do II Plano Básico de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, do papel da academia como integrante privilegiada do Sistema de C & T do Brasil, capaz de emitir, de forma isenta e com o necessário rigor, juízos e pareceres sobre o estado da ciência e da tecnologia no país. Esse reconhecimento possibilitou à academia receber recursos por parte da Financiadora de Estudos e Projetos (Finep), agência governamental, para atividades de sua própria iniciativa, principalmente a realização de expedições científicas, a coordenação de programas de pesquisa, a publicação de livros e a implementação de convênios de cooperação científica com instituições congêneres estrangeiras.

Entre 1952 e 1995, a Academia Brasileira de Ciências compreendeu cinco seções especializadas: Ciências Matemáticas, Ciências Físicas, Ciências Químicas, Ciências Biológicas e Ciências da Terra. Em 1996, quando completou 80 anos, foi criada uma nova seção: a de Ciências da Engenharia. Desde 1999 a Academia reúne seus membros em dez áreas especializadas: Ciências Matemáticas, Ciências Físicas, Ciências Químicas, Ciências da Terra, Ciências Biológicas, Ciências Biomédicas, Ciências da Saúde, Ciências Agrárias, Ciências da Engenharia e Ciências Humanas.

*Paulo de Góes*

**FONTES:**

AZEVEDO, F. *Ciências*; AZEVEDO, M. *Sociedades*; KIGER, J. *International*;  
PAULINYI, E. *Esboço*; SCHWARTZMAN, S. *Formação*.